

TV+

A brasileira Fernanda Medeiros conta sobre a experiência de sobrevivência em *Largados e pelados Brasil*

Fernanda e Lucas no programa exibido na Max

No auge da vulnerabilidade

POR PEDRO IBARRA

Sucesso internacional da Discovery, *Largados e pelados* é um dos programas mais comentados no que diz respeito aos reality shows de sobrevivência. Muito assistido desde a época da televisão a cabo, a série ganhou uma nova vida com os streamings, e os brasileiros passaram a ter edições próprias. Na última versão nacional, Brasília esteve representada com a participante Fernanda Medeiros. *Largados e pelados Brasil* tem os episódios disponíveis na Max.

Nascida em Sobradinho 2, publicitária de profissão e amante da sobrevivência na selva, Fernanda Medeiros se mudou para a Chapada dos Veadeiros justamente para ter mais contato com a natureza no dia a dia. Ela ficou conhecida nas redes sociais pelas habilidades com o que a natureza tem a oferecer e acabou sendo selecionada para o programa.

Fernanda conta que a ideia de sobreviver na natureza não estava muito distante do cotidiano. “Desde sempre, porque eu gosto muito de estar no meio do mato, eu vou muito para o meio do mato, faço muita trilha, passo muito tempo da minha vida, assim, no meio da natureza”, diz. “Morei alguns anos lá na Chapada, então a minha vida toda estava girando ali, em torno de estar sempre no meio do mato”, complementa.

Contudo, o fato de estar nua no meio da mata foi um tanto quanto inédito e desafiador para ela. “O fato de estar pelada faz você se sentir vulnerável, é um nivelzinho a mais, um

grau a mais de dificuldade”, avalia. “Então, acho que a minha experiência, de forma geral, no programa, foi massa demais. Eu consegui me escutar e entender o que estava sentindo, porque a gente vive ali tudo com muita intensidade.”

A publicitária era fã do programa desde sempre; dessa forma, uniu o útil ao agradável. “Eu sempre assisti *Largados e pelados*, gosto muito”, conta. No entanto, as diferenças entre as expectativas e a realidade assustaram a participante. “Sempre tive vontade de participar, mas é diferente a gente sair do imaginário”, recorda. “Acho que não tinha noção do tamanho da audiência do programa até de fato entender que eu estava ali dentro”, comenta.

A participante dá um recado para todos aqueles que ficam, do conforto do sofá, falando que fariam diferente ou que conseguiriam sobreviver mais facilmente. “É um desafio. Porque, quando a gente está assistindo ao programa, idealiza muito tudo que vai fazer. Quando a gente está lá, é outra parada”, analisa. “A gente vai sentindo o nosso corpo, vai entendendo tudo o que está acontecendo conosco, tanto fisicamente quanto emocionalmente. Então, nossos planos, de quem está assistindo, não funcionam exatamente igual lá”, explica.

A lei da selva

Fernanda teve que aprender muito mais do que só novas formas de sobrevivência. A técnica ela já tinha, o trabalho mental é que era mais importante. “É ativar esse lado primitivo mesmo, assim, de parar, entender o que a gente tem que

fazer, o que é melhor fazer em determinados momentos. E é isso, essa experiência de se escutar, escutar a natureza e estar conectado ali para fazer parte. Não ser uma peça fora do tabuleiro, mas uma parte do todo”, reflete.

O fato de a temporada ser gravada no Gran Chaco argentino também foi um dificultador. Uma vez que o bioma é uma vasta planície de floresta e selva, semelhante ao Cerrado, mas com um diferencial: a umidade. “Parecia muito a vegetação que eu estava acostumada, mas a umidade atrapalhou. Consegui fazer abrigo rápido, mas o fogo foi muito difícil”, lembra a participante, que fez dupla com Lucas Moreno.

Porém, o que mais a atormentou não se escondia na mata, mas dentro da própria cabeça. “É muito sobre concentração. Sobre entender o poder que a gente tem de concentrar ali a nossa mente e driblar os desafios”, destrincha Fernanda. “Passei o programa pensando que não queria sair, sem querer desistir, chegando em todos os meus limites. Porém, saí entendendo o poder que tem a nossa mente”, afirma. “Saí entendendo que eu posso ter mais calma, posso trabalhar direitinho a parte da minha mente, do meu psicológico. A gente consegue acalmar um pouco e enxergar possibilidades que, na hora do desespero, não enxerga”, exalta.

Atualmente residindo no Córrego do Urubu, área mais arborizada na saída norte do Distrito Federal, a publicitária disse que permanecerá em contato com o verde que a cerca. “Vou continuar saindo na natureza e curtindo meu tempo no mato”, antecipa. Porém, garante que não vai viver de sobrevivência. “A experiência foi muito legal, mas vou continuar na publicidade.”